



TEMPO E MEMÓRIA NA INSTALAÇÃO “LAS LOCAS (EL AMOR SE HACE REVOLUCIONARIO)” DE ANNA MARIA MAIOLINO

Débora Mendes Bregue Daniel
Doutoranda PPGH/UEDESC
deborambdaniel@gmail.com

Ocupando o segundo andar do Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires (MALBA), uma grande exposição com paredes de fundo branco e uma variedade de obras em suportes diversos chama a atenção dos visitantes. No meio da exposição, numa sala escura e sem janelas, com teto cheio de lençóis bordados e pendurados sobre as cabeças de visitantes, brotam das paredes placas de argila em que é possível perceber as marcas de diferentes faces humanas modeladas em distintos tons. Quem seriam aquelas pessoas marcadas na argila? Seus corpos deixam marcas, mas já não estão ali. Na sala, há presença na ausência. Dos blocos de argila, ensaiam emergir faces. São vestígios imaginários de corpos que se foram.

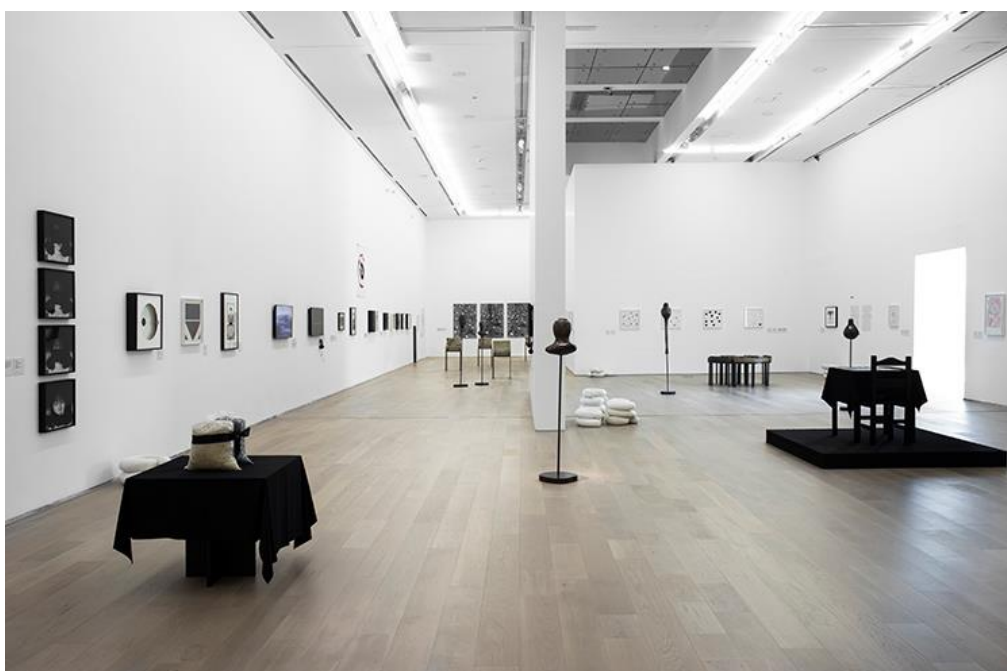


Figura 1 - Foto da exposição "Schhhiii... Anna Maria Maiolino - MALBA, 2023. Arquivo de divulgação da exposição no site do museu.



A instalação “Las locas (el amor se hace revolucionário)” faz parte da exposição “SCHHHIII...” de Anna Maria Maiolino, organizada pelo Instituto Tomie Ohtake com a curadoria de Paulo Miyada, que esteve em cartaz no MALBA (Museu de Arte Latinoamericano de Buenos Aires) entre 07 de outubro de 2022 e 20 de fevereiro de 2023, seguindo uma exposição anterior em São Paulo. Trata-se de uma exposição antológica da obra da artista que abrange mais de 50 anos de produção em diferentes suportes. (MALBA, 2023)



Figura 2 - Instalação "Las locas (el amor se hace revolucionário)". MALBA, Buenos Aires - Argentina, 2023. Acervo da autora.

Neste trabalho proponho de forma ensaística um debate sobre tempo e memória provocados pela instalação “Las locas (el amor se hace revolucionário)” que compõe essa exposição maior, percebendo as múltiplas camadas de tempo presentes na obra que se propõe homenagear as *Madres de la Praza de Mayo*, com as quais a artista teve contato no final da década de 1980, quando viveu em Buenos Aires.



As *Madres de la Plaza de Mayo* é um movimento de mães argentinas que, em 30 de abril de 1977, começaram a se reunir na praça em frente ao Palácio Presidencial, a conhecida Casa Rosada, em Buenos Aires, para pedir informações sobre seus filhos desaparecidos durante o governo ditatorial de Jorge Videla. Não foram atendidas e passaram a ser perseguidas pelo regime. Ao contrário do esperado, essas mulheres não se intimidaram e o movimento cresceu (GONÇALVES, 2012).

As “locas” como eram referidas pelo governo, ganharam notoriedade internacional e, à medida em que apareciam evidências de extermínio, não aceitaram que seus filhos fossem dados simplesmente como mortos, exigindo o paradeiro dos desaparecidos e a punição dos envolvidos. O lema “aparição com vida” passa a ser a grande bandeira do movimento (DUARTE, 2007).

Com o título “Las locas”, Anna Maria Maiolino busca lembrar como eram chamadas de forma depreciativa as mães que se reuniam em frente à Casa Rosada em Buenos Aires, buscando por seus filhos e filhas desaparecidas. Acusadas de “pensar com o útero”, essas mães mostraram com sua coragem e potência que eram capazes de fazer política com seus “pañuelos” (lenços bordados), e de catorze, tornaram-se centenas.¹

Anna Maria Maiolino, ao falar na conferência de abertura da exposição no MALBA, por meio de videoconferência em 6 de outubro de 2022, apontou que a instalação “Las locas” se afasta do panfleto político porque nasceu de uma necessidade real. Segundo a artista, “são obras produzidas por uma necessidade ética de conduta frente ao dispositivo de tortura e repressão dos órgãos de poder dominante”. Ela afirmou ainda que a obra se trata de uma “ação poética e política em homenagem às mães da Plaza de Mayo e às mulheres argentinas” (CONFERÊNCIA, 2022).

No entanto, a instalação, que foi esboçada em 1992, não foi finalizada naquele ano em razão da experiência bastante recente da artista com a ditadura brasileira. A instalação aconteceria, por fim, em 2022, trinta anos depois do primeiro esboço, atravessada por novas temporalidades e traumas. Como o anagrama de seu nome ANNA que provoca tantas leituras e encontros entre a obra da artista e alteridades, é importante perceber as múltiplas memórias conectadas por meio dessa obra que se fez e refez no tempo.

¹ Informações contidas na descrição da obra em exposição, visitada pela autora em janeiro de 2023.



ANNA

Anna Maria Maiolino nasceu na cidade de Scalea, Itália, em 1942. No ano de 1954 mudou para Venezuela onde passou a estudar na Escuela de Artes Plásticas Cristóbal Rojas até 1960, quando veio ao Brasil (ANNA, 2023). Ao longo de sua vida, a artista desenvolveu diversas técnicas, investigando diferentes materiais e suportes como desenho, pintura, xilogravura, escultura, fotografia, vídeo e performance.

No Brasil, participou da exposição “Nova objetividade Brasileira”, realizada no ano de 1967 no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM/RJ) e organizada por um grupo de artistas. Por meio da análise dos textos que compõem o catálogo da exposição, o pesquisador Paulo Reis (2005, p.126) afirma em sua tese de doutorado que a “Nova objetividade brasileira” solidificou a vanguarda que vinha sendo construída anteriormente pelas exposições “Opinião 65” e “Proposta 65”. Reis mostra ainda como a obra de arte deixa os “termos tradicionais de pintura, escultura ou desenho” e passa a ter foco no objeto de arte. A exposição ampliou o espaço ocupado pela obra para além dos limites da contemplação, convidando o público a se relacionar com o objeto de arte (REIS, 2005, p.138). Além disso, por meio de algumas obras, a exposição evidenciava as tensões sociais e políticas daquele tempo (REIS, 2005, p.126).

Nesse período, paralelamente à produção de objetos, Anna Maria Maiolino dedicava-se também à xilogravura e às temáticas ligadas ao cotidiano e à condição de mulher. (ANNA, 2023).

No ano de 1968 mudou para os Estados Unidos, voltando ao Brasil três anos depois. Em seu regresso, passa a produzir obras em fotografia e Super-8, com produções premiadas que tratavam de temas como censura e liberdade. Ainda na década de 1970, experimenta a poesia e o desenho, investigando o suporte em papel em suas múltiplas potencialidades. São muitas as produções de mapas mentais e obras com dobras, cortes e costuras. Por meio das experimentações em papel, as temáticas do pessoal e do político se encontraram (ANNA, 2023).

Sobre os mapas, Maiolino afirma que



A palavra tem poder. É muito difícil utilizar a palavra, digo na escrita. É muito mais fácil num desenho. As palavras em alguns desenhos da série Mapas Mentais são os reais significantes do desenho; em outros, utilizo as palavras como signos indicadores – afinal, estamos falando de mapas. Na década de 1970 há uma volta ao mapa, ao território. Quando estou perdida e em crise faço o caminho de volta, e o mapa como território significa se localizar. Com o mapa e as palavras tive a possibilidade de elaborar uma década tão tumultuosa na vida do país e de certa forma na minha vida privada. A escrita como tal é uma atividade cíclica, e escrevo para organizar meu pensamento, dando origem aos poemas, e estes acabam, por sua vez, dando vida a vídeos e instalações. São atividades interligadas. (MAIOLINO, 2015)

Pela década de 1970 seguem outras experimentações em performances e instalações como “Mitos e Vadios” (1978), “Feijão com Arroz” (1979) e “Entrevidas” (1981) (ANNA, 2023).

A argila que compõe a obra “Las locas” aparece com expressão na trajetória de Maiolino na década de 1980, por influência do artista argentino Victor Grippo. Com esse novo suporte, a artista passa a explorar a gestualidade em suas obras em cerâmica (ANNA, 2023).

Sobre sua relação com a argila, Maiolino afirma que,

É diferente com o trabalho da argila e com o desenho, eles são meios que lhe permitem mais possibilidades de ação, cada um pode inventar os recursos e modos de execução. A argila em si mesma carrega a possibilidade de executar múltiplas formas. O trabalho com ela é extremamente sensual e sensorial. Sempre fui uma rebelde da técnica. Acho que por isso jamais terminei uma escola. (MAIOLINO, 2015)

A partir da década de 1990 a argila faria substancialmente parte das produções da artista, marcada por obras como “Muitos” (1995) e “São estes” (1998).

As camadas de tempo

Segundo Koselleck (2014, p.19) “os tempos históricos consistem em vários estratos que remetem uns aos outros, mas que não dependem completamente uns dos outros”. Ele se utiliza de uma metáfora para explicar a complexidade do tempo. Sua



expressão “estratos do tempo” se refere às “formações geológicas que remontam a tempo e profundidades diferentes, que se transformaram e se diferenciaram umas das outras em velocidades distintas no decurso da chamada história geológica” (KOSELLECK, 2014). Tomando a metáfora geológica de Koselleck como referência, é possível perceber múltiplas camadas temporais na instalação de Maiolino.

Há o tempo mais superficial da experiência presente que é o da exposição “Schhhiii... Anna Maria Maiolino”. Trata-se de um acontecimento daquilo que se atribuiria à chamada “curta duração”. Apesar de estar na superficialidade da camada, ao promover uma antologia da vida da artista, a exposição enquanto acontecimento, complexifica a experiência e se conecta a outras camadas temporais mais profundas da trajetória de vida da artista. Logo abaixo, vem outra camada temporal. Trata-se do tempo de regresso da artista ao Brasil, que se fixou em 2005 na cidade de São Paulo.

Explorando mais profundamente as camadas temporais, surge um outro tempo, o tempo em que a artista elaborou a proposta da instalação “Las locas (el amor se hace revolucionário)” em homenagem às mães da Plaza de Mayo. Essa camada muito fina, quase não consegue se distinguir de duas logo abaixo. O tempo em que viveu na Argentina, durante a década de 1980, quando teve contato com a presença das mães na praça pedindo a aparição com vida de seus filhos, e a sua própria experiência com o período da repressão no Brasil durante as décadas de 1960 e 1970. Embora tratem de diferentes experiências da artista em diversos tempos e espaços, que se fazem reconhecer em seus traços, gestos e suportes, segundo Koselleck (2014, p.24) “existem tempos





históricos que transcendem a experiência de indivíduos e de gerações”. No caso de Anna Maria Maiolino é evidente os atravessamentos desses tempos em sua instalação.

Ao atualizar sua proposta, substituindo as fotografias dos desaparecidos pelas placas de argila com os rostos modelados, Maiolino atualiza sua experiência da década de 1980. Os rostos, antes muito bem reconhecíveis nas fotografias, ganham novo suporte e a proposta se atualiza. Por meio das faces que emergem nas distintas placas de argila espalhadas pela sala, ecoa a ausência na presença. Não se reconhece nem os rostos modelados, nem os nomes bordados nos lenços sobre as cabeças dos visitantes, mas nessa presença se anuncia a ausência e as demandas das mães se fazem presentes.

Essa atualização da instalação se encontra na experiência da artista que foi atravessada ao longo da sua vida por diferentes suportes para realização das suas obras.

Figura 3 - Detalhe da instalação “Las locas (el amor se hace revolucionário) – MALBA, Buenos Aires – Argentina, 2023. Acervo da autora

Se em outros momentos a fotografia se fez mais presente, as placas também são materializações da atualização de Maiolino frente ao seu fazer artístico.

O “Entrecruzamento de memórias”

Assim como o tempo que pode ser percebido em diferentes camadas, a memória também pode ser uma interessante categoria a ser observada na instalação “Las locas (el amor se hace revolucionário)”. O entrecruzamento de memórias na obra de Anna Maria Maiolino promove uma “presentificação do passado”. De acordo com Sandra Jatahy Pesavento (2006), o tempo irreversível de um acontecimento não é irre recuperável a medida em que a operação imaginária é capaz de refigurá-lo. Sua afirmação dialoga com a obra *Tempo e Narrativa* de Paul Ricoeur, quando esse faz seus apontamentos sobre as três mimesis. Assim como um texto, a instalação também é capaz de ser percebida em sua “pré-figuração”, “configuração” e “refiguração” (Ricoeur, 2010). O encontro da artista com as mães da Plaza de Mayo, enquanto acontecimento, já passou. O que ficou foi a memória do acontecimento que pode ser lembrado. Ao ser acionado e materializado em



sua obra, o passado foi refigurado porque é produto da interpretação da própria artista. Esse tempo encontra múltiplas outras refigurações possíveis a partir de cada visitante que entra em contato com a instalação.

Mas que memórias poderiam ser entrecruzadas nessa operação artística e mimética de Anna Maria Maiolino? Sua biografia, apresentada anteriormente, traça muitas possibilidades. “Las locas (el amor se hace revolucionário)” pode ser núcleo de múltiplas memórias entrecruzadas, quando aciona a experiência da artista em vários momentos de sua vida. Há a memória da Anna Maria Maiolino sobre o regime ditatorial brasileiro durante o período em que viveu no país nas décadas de 1960 e 1970. A violência do regime deixou marcas em seu portfólio com as obras que tratam sobre a censura vivida naqueles tempos.

Sobre os anos de 1970, Maiolino afirma,

Os trabalhos todos foram motivados, cutucados por alguma coisa que respondi com afeto. Se pegar o primeiro vídeo da antropofagia [In Out (Antropofagia), 1973-74], feito durante a ditadura militar, ele é sobre a impossibilidade da fala. Dizer aquilo que é indizível. Para nós, os artistas de minha geração, os anos 70 foram importantes porque só se podia responder ao inimigo com esses trabalhos, de resistência. Precisa ter muito afeto pela vida para conseguir seguir nessa direção. (MAIOLINO, 2015, p.20)

Há ainda memória do encontro com as mães acusadas de “loucas” por buscarem seus filhos e filhas desaparecidas na década de 1980 quando viveu na Argentina. Na obra não há vestígios documentais das mães e de seus filhos. Na resignificação da memória atravessada pelo tempo, Maiolino retira a marca documental quando substitui as fotografias dos desaparecidos pelas placas de argila. Há uma substituição poética entre a evidência do que foi e do vir a ser. A falta de um rosto ou de um nome “real” bordado não afasta qualquer evidência do vazio promovido pelo Estado argentino durante a ditadura de Videla. Sobre sua instalação, na Conferência de abertura à exposição, Maiolino comenta:

Cheguei em Buenos Aires no ano em que Alfonsín iniciou o processo democrático. Contudo, as mães da Plaza de Mayo seguiam buscando a seus seres queridos, vítimas de uma ditadura militar. Me comoveu o



amor dessas mulheres que, apesar da perda de seres queridos, resistiram e, com seus gritos, alcançaram deter as mãos dos déspotas da ditadura. [...] Esta instalação está longe de ser um documentário, é uma ação poética e política. Em todo caso, podemos defini-la como uma homenagem às mães e mulheres argentinas que com amor e valentia enfrentaram e resistiram à ditadura (CONFERENCIA, 2022. Tradução própria)

É interessante pensar que, ao acionar a memória das “Madres”, por meio de lenços bordados e as placas de argila, “Las locas (el amor se hace revolucionário)” de Anna Maria Maiolino não traduz as memórias da *Madres de la Plaza e Mayo*, mas ressignifica essa memória ao aferir presença na ausência e lembrar a quem visita a exposição da força dessas mulheres que, desde a década de 1970, seguem exigindo a “aparição com vida” de seus familiares desaparecidos. Em seu exercício de memória, Maiolino, por meio da sua narrativa poética em homenagem às mães, aciona categorias fundamentais à história.

Referências:

ANNA Maria Maiolino. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9539/anna-maria-maiolino>. Acesso em: 12 de agosto de 2023

CONFERENCIA inaugural SCHHHIII...Anna Maria Maiolino. Direção de Museo Malba. Buenos Aires: Malba, 2022. vídeo, color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tEZdCuNhFKw&t=8s> Acesso em: 5 jul. 2023.

DUARTE, Ana Rita Fonteles. (2007). Nem loucas, nem santas. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v.15, n.3, p.825–827. 2007. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2007000300019> Acesso em 10 de agosto de 2023.



GONÇALVES, Renata. **De antigas e novas loucas: Madres e Mães de Maio contra a violência de Estado**. São Paulo: Lutas Sociais, n.29, p.130-143, jul./dez. 2012

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**. Estudos sobre a História. Rio de Janeiro: Editora PUC/Rio, 2014.

MAIOLINO, Anna Maria. Tudo começa pela boca. **Arte & Ensaios**. Revista do PPGAV/EBA/UFRJ - n° 29, junho de 2015. p.6 -25. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/10223> - Acesso em: 10 de agosto de 2023.

MALBA. SCHHHIII... Anna Maria Maiolino. 2023. Disponível em: https://www.malba.org.ar/evento/schhhiii_anna-maria_maiolino/ Acesso em: 10 ago. 2023.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Palavras para crer. Imaginários de sentido que falam do passado. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**. 2006. Disponível em: <http://journals.openedition.org/nuevomundo/1499>. Acessado em 10 de agosto de 2023.

REIS, Paulo Roberto de Oliveira. **Exposições de arte - vanguarda e política entre os anos 1965 e 1970**. Tese. (Doutorado em História). Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2005.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa: a intriga e a narrativa histórica**, v.1, Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010.